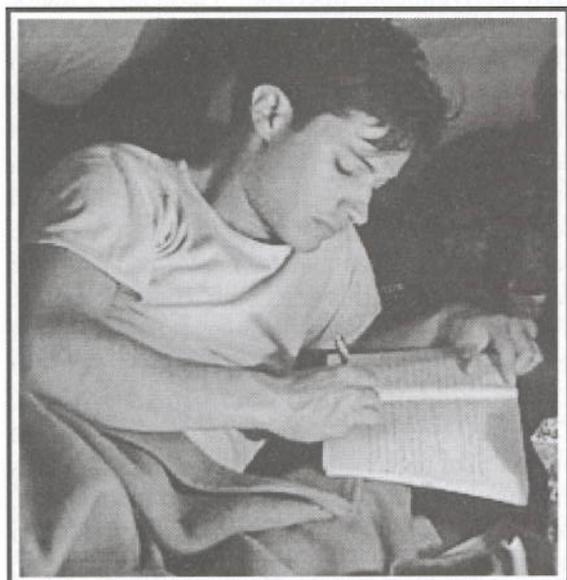


DOS DIÁRIOS DE MOTOCICLETA & DAS COISAS QUE NOS FAZEM GRITAR

Carol Teixeira

Vi esses dias o belo filme “Diários de Motocicleta”. Acabei o filme chorando, diante de uma grandeza tão sutilmente mostrada, e presenciando algo que eu nunca tinha visto na exibição de um filme aqui: palmas efusivas da platéia no final – o que, obviamente, só me fez chorar mais.



Diários de Motocicleta

Eu poderia ficar horas aqui falando o que é indiscutível: a sublime direção de Walter Salles e a atuação estupenda de Gael Garcia Bernal, mas vou me ater ao maior mérito do filme, que é justamente tirar de Che Guevara todo o heroísmo, todo o caráter mítico, e “elevá-lo” ao grau de ser humano, de forma que nós mesmos possamos sair do filme inflados com tamanho idealismo (um idealismo humanista que transcende em muito qualquer tipo de capitalismo, socialismo ou qualquer sistema político). Walter Salles consegue nos conduzir de tal forma que sentimos a revolta e o idealismo que cresce em Che Guevara, dentro de nós mesmos. E isso soa estranho à nossa alma tão acomodada, tão apática e inútil diante do nosso próprio mundo que desaba a cada dia que passa. Então desconfio que as palmas no final não foram

só para o filme, mas para o sentimento belo e estranhamente real que surge dentro de nós, com a nossa permissão, sem medo de parecer piegas.

Sem o status de mickey-mouse-mitificado-numa-camiseta, Che Guevara nos parece lindamente real e isso perturba, mais do que acalenta. Traz uma força e uma esperança interna com a qual não estamos acostumados a lidar, uma vez que vivemos numa sociedade individualista e materialista que faz questão de tolher absolutamente qualquer tipo de ideal que vá além do material e essencial para seu sistema alienante.

Sim, porque hoje em dia todo tipo de idealismo é considerado utópico e infantil, como se fosse coisa de adolescente. E mesmo assim, embora cada vez menos, existem pessoas que ousam dar a cara a tapa em prol de um ideal, pessoas que não abrem as pernas para um sistema bitulado e idiotizante que insiste em transformar as diferentes pessoas em *just another brick in the wall*. Pessoas como Bob Marley, Renato Russo e Cazusa, se expõem, chocando, lutando contra o conformismo e a alienação de uma sociedade “careta e covarde” demais para se expressar. É o caso de Marilyn Manson, que, no seu jeito freak de ser, vai lá e contesta tudo e todos com suas músicas e opiniões. É, de uma maneira mais amena, o caso da Lauryn Hill, (cujo DVD eu vi esses dias), que foi lá, subiu num palco, com um banquinho e violão e fez um show acústico completamente introspectivo e subversivo, no qual ela fala mais do que canta, no qual as palavras – de protesto – importam mais do que as melodias comerciais, no qual ela chora e se desnuda emocionalmente diante de todos, decepcionando os rasos fãs que esperavam musiquinhas conhecidas e comerciais. Mas o disco não vendeu muito. Por quê? Porque um grande número de pessoas não quer mais revoltas ou manifestações do contra, estão muito ocupadas, sentadas em seus confortáveis sofás, em seus mundinho particulares perfeitos e organizados e tais coisas perturbam porque fazem pensar. E essa é a maior das subversões, fazer pensar, fazer questionar.

E respondendo à pergunta que deve estar na cabeça de vocês agora, eu digo não, não acho que nem um pouco absurdo colocar essa gente que eu citei no mesmo barco que o Che Guevara, pois todos tinham em si a coragem de levantar, num mundo repleto de valores deturpados, hipocrisias e pessoas homogeneamente moldadas, e dizer: “não concordo”. Mesmo que isso não mude um país ou uma sociedade, mesmo que isso mude apenas um grupo ou poucas pessoas, eles vão lá e têm a coragem de *stand for something*, de levantar uma bandeira num mundo repleto de gente acomodada demais para fazer isso.

Isso tudo me lembra o final do filme “Saving Private Ryan”, no qual o personagem de Tom Hanks, morrendo, diz ao soldado Ryan (o qual, durante o filme inteiro, eles buscam salvar.): “EARN THIS!”. E isso, para mim, é a mais bela metáfora para uma vida. Earn this: não fique aí sentado olhando e aceitando o que os outros impõem, faça jus ao fato de estar vivo, faça por merecer o fato de estar aqui e agora.

E é com essa sensação que deixamos o cinema às palmas, após diários de motocicleta. Pois aquilo é uma sublime celebração do ser humano, sob um olhar que todos deveriam ter.

DAS COISAS QUE NOS FAZEM GRITAR

Nietzsche disse certa vez que os únicos valores que permanecem na sociedade são aqueles que são marcados a ferro e fogo. Ele disse isso num contexto histórico e mais abrangente, mas vou me permitir usar isso para uma outra reflexão. Nunca me interessaram as coisas que não são capazes de me marcar a ferro e fogo. Não me interessam coisas que apenas arranham minha superfície. Quero flechas na carne, quero aquilo que mexe nas minhas entranhas, que me vira do avesso, que me leva a lugares dentro de mim aos quais eu nunca fui antes. Quero gritar, quero chorar. Quero sentir medo ou vergonha do que aquilo me provoca, quero algo que realmente me provoque. Esse é o papel da arte. E se você sai ileso dela é como se ela não tivesse existido.

Pois foram esses os pensamentos que me vieram à mente esses dias, quando fui na casa de um grande amigo meu e algo me chamou a atenção. Na parede da sala, num cantinho, havia fotos estranhíssimas. Eram nus ou semi nus de pessoas, em sua maioria mulheres fora dos padrões homogêneos de beleza, apresentadas de uma maneira perturbadora. Uma coisa meio

escatológica, meio poética, meio violenta, meio irônica, meio lírica, meio obscena, meio simples, meio complexa, meio feia, meio bela, e extremamente artística em sua crueza e em seu aspecto lúdico, forte e ambíguo. Uma das coisas mais intensas que eu já vi. E Jan Saudek, depois eu fiquei sabendo, era o nome do fotógrafo talentosíssimo que criou aquele universo estranho e inclassificável. O que ele fez com cada imagem daquelas foi, por um instante, subtrair daquelas pessoas a humanidade insossa atrás da qual nos escondemos. Foi deixá-las cruas e inserir essa crueza num universo de delírio e poesia. Elas chocam? Sim. “E por que chocar?”, perguntarão alguns. Eu respondo. Se permitir sentir sensações que geralmente não sentimos, sair do lugar comum, da banalidade e linearidade do nosso dia a dia é algo incrivelmente libertador. Passamos a maior parte do nosso cotidiano sentindo coisas amenas. O amor pausterizado, a raiva controlada no trabalho, o constrangimento resignado que nos causam a pobreza dos pedintes nas sinaleiras, um pequeno espanto com algo na televisão, uma briguinha com o namorado, e o conformismo, o conformismo e o conformismo com toda esse bando de sensações banais. Então, nada melhor do que encontrar uma arte como a de Jan Saudek, uma filosofia como a de Nietzsche, diretores incríveis, como David Lynch, Kubrick, Alfonso Cuarón, escritores como Caio Fernando Abreu, Camus, Nelson Rodrigues, enfim, pessoas que nos puxam para lugares desconhecidos dentro de nós mesmos, para aquelas cavernas lá no fundo, onde, de súbito toda aquela banalidade é desfeita. Então sentimos repulsa ou atração, desejo ou medo, desconforto ou um acalentador conforto de estar de fato enxergando a verdade. Mas sentimos. E somos marcados a ferro e fogo.

E nada melhor do que as palavras de Antonin Artaud – outro grande artista – para expressar a essência disso tudo: “Se não estivéssemos persuadidos de o atingir o mais gravemente possível, nós nos julgaríamos inferiores à nossa tarefa mais absoluta. Você deve estar bem persuadido de que somos capazes de fazê-lo gritar.” Isso é a arte. A provocação do grito. E, como eu já disse, se você sai ileso dela, é como se ela não tivesse existido.

NOTAS

* Aluna do VIII Semestre do Curso de Filosofia/PUCRS. Pesquisadora do GTI (Grupo de Tecnologias do Imaginário) - PPGCOM/FAMECOS (PUCRS).